



## NOTÍCIAS DA ILHA GRANDE DE JOANES

DOS RIOS E IGARAPÉS QUE TEM NA SUA CIRCUNFERÊNCIA;  
DE ALGUNS LAGOS QUE SE TÊM DESCOBERTO E DE ALGUMAS COISAS CURIOSAS<sup>1</sup>

*A*cha-se a Ilha Grande de Joanes no rio das Amazonas, ficando-lhe fronteira à parte do norte a terra firme da vila de São José do Macapá, que corre para a parte do rio Araguari e, nesta distância, que há da dita ilha à terra firme tem suas ilhas fronteiras e as mais principais são: a ilha chamada de Mexianas, a ilha Caviana, a ilha chamada do Cemitério dos Aroans, que é aonde algum dia se enterravam, seguindo os ritos do seu gentilismo, a ilha dos Camaleões e a ilha dos Cachorros. Estão estas ilhas todas caminho de leste, mais quarta menos quarta. E da parte da cidade do Pará lhe ficam várias ilhas, como são: a ilha de Guaraperinga, a ilha de Cutujubá, a ilha de Pequetá e outras mais.

Principia a Ilha Grande de Joanes na ponta do Maguari e, correndo costa acima, até a paragem chamada Cajuúna e desta ao rio Anajás, até o rio Parauauá, que é aonde se diz dá fim esta ilha daquela parte. Em toda esta distância se acham vários rios e igarapés, que todos entram para o centro da Ilha Grande de Joanes. Os rios de maior nome são: o rio Ianhoam, o rio Paiapuauá, o rio Cajutuba, o rio Iguarapexi, o rio dos Anajás e o rio do Mapuá. Os igarapés, que em toda esta distância se acham bastantes, mas os de maior nome são: o igarapé do Maguari, o igarapé de Iacoatuba,<sup>2</sup> o igarapé dos Tucumás, o igarapé de Camarás-tuba,<sup>3</sup> o igarapé do Coatá, o igarapé da Najatuba. Acima deste igarapé, em distância de duas léguas, pouco mais ou menos, se acha a vila de Chaves, que algum dia se chamava a alde[i]a de Najatuba. Desta vila por diante, indo pela parte já dita até o rio Parauauá, são matas e tem os campos longe. Mas todos os rios nomeados que entram nas matas, a maior parte todos vão findar às campinas. Na maior parte destas matas se acham muitos acapus, paus-d'arco, iubaís, argelins, andirobas-jarubas. Destes dois se costumam fazer canoas de 90 palmos de comprimento, tendo 18 e 20 de largo. Paus pretos, de rosa e amarelos. Por toda esta parte se acham nos ditos matos pelas bordas dos rios e igarapés muito ibussu, excelente palha para cobertura de casas, que costuma durar 10 a 12 anos. Também este mato tem muito timbó-titica, com que se costuma amarrar toda a esteiaria de algumas moradas de casas; e todo o envaramento que se amarra aos esteios por dentro e por fora das casas é com este cipó. Há outro cipó, a que chamam timbó-açu, que, rachado e inteiro, serve para o sobredito. Há outro cipó mais grosso, da grossura de uma amarra ordinária, para a qual chamam timbó; serve esta para matar peixe nos igarapés e alguns rios pequenos e pela margem dos grandes, em algumas enseadas aonde não há correnteza d'água. E, para matarem o peixe, se costuma bater este timbó muito bem, de sorte que fique bem moído e, depois de ter grande quantidade, à proporção da água do igarapé ou rio, se costuma

<sup>1</sup> Confira também os códices 21,1,1,32/BN; 21,1,43/BN; 21,2,2,16/BN; 21,2,2,17/BN; 21,2,6/BN e 21,2,37/BN. O texto de base para esta edição é o códice 10,1,26 da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

<sup>2</sup> “Iacoatuba” ou “Pacoatuba”?

<sup>3</sup> Deve-se tratar do Camarão-tuba.



largar o tal timbó, indo-o esfregando nas mãos junto com a água, à qual comunica um tal fartum asqueroso, que faz embebedar toda a qualidade de peixe que o chega a participar, e, achando-se desta sorte perturbado, vem acima d'água, aonde o apanham aqueles que se acham nesta diligência. Costuma-se fazer esta pescaria ordinariamente na baixa-mar e com presteza, antes que encha a maré, porque, enchendo esta, aumenta a água e esta, aumentada, vai a menos o asqueroso do suco do tal timbó; e é tal o fartum que deixa, que dizem os nacionais que, duas e três marés se passam primeiro que torne a entrar peixe naquele rio ou igarapé.

O rio já referido, chamado dos Anajás, é muito comprido, e do princípio dele até o fim se costuma[m] gastar 2 dias de viagem. Tem este rio várias fazendas de cacau e tem, no fim, aonde são as campinas, suas fazendas de gado vacum. Tem bons pastos, mas muito alagados no tempo do inverno. A maior parte das ilhas que tem pelos campos são de ajacus, afaizeiros e meritizais.

Desembocam dentro deste rio 2 rios grandes, a que chamam o rio do Cururu e o rio do Mococon. Vão estes dois rios findar nos campos que ficam para a parte da vila de Chaves. Tem outro rio que deságua no mesmo, chamado Pecaquara. Este rio vai por entre matas e algumas campinas muito limitadas e agrestes. Tem mais vários rios pequenos que todos deságuam no dito rio Anajás, a que chamam rio Camotim, rio Negro e seus igarapés, a que lhe dão os nomes seguintes: igarapé do Posso-panema, o igarapé do Tucunaré, o igarapé do Paulino e o igarapé do Maguariquipaua. São estes rios e igarapés muito abundantes de peixe das qualidades que costumam haver neles como são: tucunarés, iandiás, ararás, apaiaris, mandubis, anajás, pirauíbas. Estas qualidades de peixe são bons,<sup>4</sup> têm poucas espinhas e de bom gosto. Há mais com abundância os peixes a que chamam taráiras, iejus, aroanás; mas estes têm muitas espinhas. Há mais uma qualidade de peixe chamado tamoatá, o qual tem uma casca pelo feitio de unhas. É peixe que há em muita abundância e muito gostoso. O maior é do comprimento de um palmo e há muitos nestes sobreditos rios, igarapés e nos lagos. Há outra qualidade de peixe<sup>5</sup> a que chamam peixe-boi, por ter o focinho semelhante ao de boi. É este peixe muito gostoso assado, pondo-se antes de vinha d'alhos e tem muita semelhança com a carne de porco. Costumam fazer dele bastantes lingüiças que, bem temperadas, têm bom gosto.

Para as partes do rio Mapuá há bastantes árvores de baunilhas. Têm todos estes matos inumeráveis porcos bravos, a que chamam os nacionais porcos-do-mato. Estando estes gordos, é excelente carne e, assada, é melhor do que cozida, principalmente sendo ela assada da forma a que os nacionais chamam de moquém. Têm bastantes antas, muitos veados, muitas pacas e muitas cutias. Têm muitas aves, como são mutuns; uns são pretos e outros pintados; a estes chamam mutuns penimas. Há bastantes jacus, enambus, sururinas, todas de bom comer. E têm outras muitas qualidades de aves.

Vindo do rio Parauaú para a banda da cidade do Pará, costa abaixo, até a ponta do Maguari, donde principia a ilha e acaba, agora se encontram vários rios e várias fazendas, engenhos e engenhocas. O primeiro que se segue é o engenho do mestre de campo Pedro Furtado e, antes de chegar ao dito engenho, ficam bastantes fazendas de cacau e roças de maniba, algodões e mais lavouras. Segue-se logo uma engenhoca de Joaquim da Veiga, aonde fazem águas ardentes de cana e mel.

Mais abaixo se segue um rio chamado Paracuúba, o qual tem boas terras de lavouras e é muito abundante de peixes já referidos e das mesmas caças e aves. Tem bastante comprimento e tem dentro seus igarapés, que deságuam no mesmo rio; e na boca deste rio, para a parte da costa, tem seus pesqueiros, aonde se apanham tartarugas e tracajás.

<sup>4</sup> A expressão “Estas qualidades de peixe são bons” equivale a “Estes peixes são de boa qualidade”.

<sup>5</sup> O autor acabava de chegar de Portugal e, provavelmente ainda não havia percebido que se tratava de um mamífero e não de um peixe.



Segue-se mais abaixo o rio Atuaá, que é comprido, o qual tem suas fazendas de gado vacum para o fim dele e no princípio tem suas fazendas, aonde lavram algumas roças de maniba e tabacais. Dentro deste rio deságua o rio Anabeju e tem suas fazendas de gado vacum e cavalari. Em algumas destas fazendas se costumam plantar tabacais. Têm estes rios bastante peixe e bastante caça na forma sobredita.

Deste rio até o rio Marajó-açu, ficam algumas fazendas de lavouras, e dentro deste rio ficam suas fazendas de gado vacum. É abundante o rio, nos meses de outubro, novembro e dezembro, de tracajás, que são umas tartarugas pequenas, as quais, na opinião de muitos, são mais gostosas que as tartarugas, e o mesmo dizem dos ovos. Costuma-se apanhar a maior parte destes tracajás em terra, por saírem ao campo a desovar. Saem os ditos tracajás à terra quando a maré está praiamar, naquelas ocasiões em que o costuma estar das 4 horas da tarde por diante, até as 6 horas da manhã do dia seguinte. E destas horas até às 4 ainda que esteja praiamar, não saem, pela razão do calor do sol. Não costumam também sair, sentindo gente ou qualquer ruído; e, saindo à terra, procuram a parte mais alta do campo e, com as unhas, entram a fazer um buraco na terra, alguma cousa côncavo, e nele entram a lançar os ovos; e costumam lançar 20, 30 e mais; e depois lhe entram a botar a terra em cima e, junta esta, lhe botam água, que trazem dentro de si, e mole a terra, se botam em cima dela a bater-lhe com o peito de sorte que fica tão liso o lugar que, passando-se por ele, se não vê; e só se acham, indo de propósito a buscar as ditas covas, e se não acham tantos buracos quantos são os que se passam que se não vê[e]m. Mas há dois animais que lhe não escapam os ditos buracos para comerem os ovos, que são raposa e iacuruaru. Este tem o mesmo tamanho e feitio de lagarto grande da Europa portuguesa.

Indo costa abaixo, em distância de meia légua, pouco mais ou menos, está o lugar de Fonte de Pedra, que algum dia se chamava a aldeia das Mangabeiras, por ter este lugar muitas árvores de mangabeiras. Outro tanto pouco mais de distância fica o lugar de Vilar, que algum dia se chamava a aldeia de São Francisco dos Guianases.

Mais abaixo, fica o igarapé Pucá. No princípio deste, à mão direita, entrando por ele, sobre a costa, fica uma fábrica de sola. E nesta mesma paragem tem uma olaria de telha e tijolo. Em distância de légua e meia, pouco mais, fica o rio Arari, o qual é bastantemente povoado no princípio e fim, e na entrada tem fazendas de agriculturas e 2 engenhos de fazer açúcar e águas ardentes. Entrando por dentro, tem bastantes matas, mas quase de uma maré de enchente por diante, correndo rio acima, principiam os campos gerais e, sobre a margem do dito rio, tem bastantes fazendas de gado vacum e cavalari. Tem 6 rios que deságuam nele, os quais são: o rio Moirim, rio Murutuçu, rio Tarumás, rio Mauá, rio Guaiapé e rio dos Anajás, e o Arari. Tem 4 igarapés, que são: o igarapé do Salitre, igarapé do Cururu, igarapé do Tucunaré e igarapé do Tejuju. Todos são abundantes de peixe no tempo do verão de todas as qualidades acima referidas e também de tracajás, peixes-bois e de caça, no princípio do rio, aonde tem matas. Em todos os rios e igarapés, há bastantes patos bravos. Há pelos campos muitos enambus, que são semelhantes às perdizes, no rápido vôo que tomam quando voam, mas são maiores, têm bom gosto e muita carne. Há muitos veados no campo e andam alotados. No tempo de inverno é rio e suas vertentes abundantes de marrecas de toda a qualidade. Há também muitos iguarases, colhereiras, garças, tejujus, jaburus e várias outras qualidades de aves. Tem este rio Arari suas cachoeiras de pedra, mas nenhuma de perigo.

Desde o rio Aruaá, que já fica dito, até este do Arari, costa abaixo, junto à terra e desviado três quartos e meia légua, em muitas partes tudo são pedras.

Pouco mais de meia légua, costa abaixo, fica o rio Caracará, aonde tem fazendas de lavouras. É este rio abundante de caça, principalmente de porcos, cutias, pacas, jacus e patos bravos. Um quarto de enchente por ele dentro acha-se pouco peixe. Tem este rio bastantes matas.

Correndo costa abaixo, tudo são praias de areia clara; com distância de 3 léguas pouco mais ou menos fica ao mar um grande areal e, no meio, tem uma ilha de mangues, a que chamam a Coroa Grande. Fica esta ilha fronteira à ponta do Mosqueteiro e desviado da Ilha Grande uma légua, pouco menos, costumam as tartarugas a ir desovar



naqueles areais, aonde vão algumas pessoas apanhá-las quando jazem fora a este efeito. Há dentro desta ilha caranguejos e, pelos areais há bastantes árvores de guajaru<sup>6</sup> de cor vermelha e roxos, cuja fruta se come e há em quantidade. Deixando a ilha chamada da Coroa Grande à mão direita, se vai costeando pela parte esquerda, costa abaixo, até o furo do Guajará, aonde se acham algumas fazendas de lavouras; e indo pela costa, que toda é de areia, abaixo, fica o rio Jaburuxiá, o qual é muito abundante de peixe do mar e do que costuma andar pelos sobreditos rios; o qual rio tem uma fazenda de gado vacuum e cavalari.

Mais costa abaixo está o rio Camará. Este têm matas em várias partes, exceto no fim. Deságua nele o rio Quió, o rio Jutubá, o rio dos Coroxis e alguns igarapés, nos quais tem fazendas de gado vacuum e cavalari. São estes rios muito abundantes de peixe.

E distância de 3 quartos de légua se acha a vila de Monsarás, que algum dia se chamou a alde[i]a do Caiá. Está situada sobre a costa, e dela se vê virem os navios para esta cidade. Do porto desta vila, pela costa abaixo, tudo são pedras, até a vila de Monforte, que lhe ficará distante légua e meia. Esta vila de Monforte está situada em um alto; algum dia se chamava a alde[i]a de Joanes. Dela para baixo até o igarapé grande, a maior parte da praia é de pedras que botam pontas mui grandes ao mar.

A este igarapé grande lhe chamam muitos o rio Paracauari e, entrando por ele dentro, à mão esquerda, quase sobre a costa, está a vila de Salvaterra, que algum dia lhe chamavam a alde[i]a de Nossa Senhora da Conceição.

Da parte direita, quase fronteiro à dita vila, está o lugar de Mondim, que algum dia chamavam a alde[i]a de São José. E mais adiante, da mesma parte, está a vila de Soure, que algum dia se chamou a alde[i]a do Menino Jesus. É este rio Paracauari muito abundante de peixe da costa e de caranguejos. Deságuam neste rio os rios Maratacaí e Carnaoca; e em todos têm fazendas de gado vacuum. Tem este rio suas cachoeiras: uma tem seu perigo na vazante. Destas cachoeiras para cima são campinas gerais e tem bons pastos.

Deste rio, indo costa abaixo, se vai por excelentes areais, até o pesqueiro real, que é aonde estão pescando diariamente tainhas, por conta dos contratadores que arrematam o tal contrato. Antes de chegar a este pesqueiro, está um igarapezinho, o qual é de are[i]a tão solta que é necessário muito sentido para se poder passar, na vazante, porque quer submergir a gente. Chama-se igarapé de Araruna.

Seguindo a mesma costa, toda de areais mui claros, aonde se acham vários montes de are[i]a, se chega ao rio Cambu, o qual é, de uma e outra banda, cheio de árvores a que chamam mangues; e da mesma forma se vai indo costa abaixo até a ponta do Maguari. Bota esta uma ponta de are[i]a ao mar, de grande longitude, e toda esta costa até o rio Paracauari é muito perigosa, por ter muitos bancos de are[i]a, razão porque sempre o mar está mui levantado, havendo vento, na vazante e enchente.

O primeiro lago que se descobriu, segundo o que alguns dizem, foi o lago do rio Arari.

Tem este lago, de circunferência, 3 léguas, pouco mais ou menos, no tempo do verão, e, no tempo do inverno, é três vezes maior. Não tem este lago, no tempo do verão, ilha no meio, nem cousa alguma. Em ventando, faz maresia bastante. Dentro dele andam muitos botos, peixes-bois e muita variedade de peixe. Também é abundante de um peixe a que chamam pirarucu.

No tempo do inverno pode bordejar qualquer iate à vontade, no que diz respeito ao fundo. Tem imensidade de jacarés, muitas cobras a que chamam sucrujus, jibóias, poraquês. Este peixe é quase, no feitio, semelhante às lampreias, mas tem uma gosma pegada à pele, que escorrega muito. Este peixe tem uma virtude oculta que, em passando por qualquer coisa vivente e a toque na carne, imediatamente ficou adormecida e, se acaso caiu na água e o peixe tornou a esfregar-se com a cousa vivente, certamente o matou.<sup>7</sup> Para a parte do norte deste lago,

<sup>6</sup> Guajaru de cor vermelha deve ser o guajuru-puianga.

<sup>7</sup> Interessante o uso do pretérito perfeito para indicar o quanto é fulminante e rápido o efeito da ação do poraquê.



tem umas árvores não muito altas, aonde vão criar os iuarases, colhereiras, garças; e ali se costumam apanhar, quando vão para pôr ovos no ninho, dos quais usam tirar-lhe a pele, para se aproveitarem das penas.

No mesmo rumo do norte, pouco mais ou menos, para o centro, se acha outro lago mais pequeno, ao pé de uma ilha que hoje se-lhe chama de Santa Luzia. Este lago tem todo o ano infinitas marrecas, infinitos patos bravos; tem este lago muitos jacarés e, quando se atira às marrecas que se andam criando no lago por entre o capim e mururé, costumam estes dar urro, de sorte que fazem espantar as marrecas, e, vendo os jacarés isto, avançam a elas. Nesta diligência, se encontram muitos mordendo-se uns aos outros. Há jacaré neste lago que há de ter 21 palmos de comprido. Há, por estas partes, muitas onças, alguns tamanduás, bicho muito feio e muito cabeludo. Não come este senão formigas; não costuma morder, por não ter boca com que o possa fazer, senão um buraco por onde bota fora uma língua muito comprida e, esta, a mete dentro do formigueiro e, pegando-se elas à língua, a recolhe na boca. Mas tem umas unhas tão grandes e tem tanta força nos braços, que às mesmas onças costuma matar, acometendo-o a onça. Não costuma fazer mal a cousa alguma, só se o vão acometer. Por todo este centro aonde estão estes lagos, tem muitos alagados, tem bons pastos e são campinas gerais.

Nas cabeceiras do rio Paracauari, de uma ilha chamada dos Degredados, para a parte do poente, fica um lago chamado dos Jacarés. Este se comunica ao lago das cabeceiras do rio Cabu; e, no lago aonde ficam as ilhas das Laranjeiras, há um jacaré pequeno, a que os nacionais chamam *teri-teri*, que, quando dá urro, faz estremecer a terra em redondeza de uma légua pouco mais ou menos. Costuma habitar este pequeno jacaré em um buraco e serve de admiração a todos, que um tão pequeno bicho faça tão grande estrondo. Há outro lago no centro da ilha, junto a uma ilha que se chama dos Guajarás, o qual é bastantemente largo e, com estar bastantes léguas longe da costa, dizem todos que neste lago enche a maré, mas não em grande quantidade, e assentam que por baixo da terra se-lhe comunica neste lago a enchente. Tem muita quantidade de peixe dos que já se referiram. Terá, no tempo de verão, quase meia légua de circunferência e, de inverno, muito mais. Tem muitas marrecas, muitos patos, todo o ano, e muita variedade de aves.

Nesta mesma ilha, chamada dos Guajarás, há uma erva a que chamam mucuracaá. Dizem os nacionais que serve também de contra-veneno, mastigando a raiz pela manhã em jejum. E quando morder qualquer cobra ou outro bicho venenoso, se beberá o sumo da folha em quantidade que possa levar uma chávena e se apertará a perna ou braço que estiver ofendido, e o bagaço que fica da folha se porá em cima da mordedura. Este sumo se beberá 3 vezes. O seu uso principal, entre os ditos, é contra os feitiços, e muitos a costumam mastigar pela manhã, em jejum, só para se preservarem deles. Esta erva, tenho notícia que a há também em várias partes da ilha e desta cidade. Nestes campos há muitas onças, e muitos maracajás, e raposas, e tamanduás. Nesta parte tem excelentes campinas.

Há outro lago chamado das Tartarugas, que são cabeceiras do rio Taiapuauá. Este lago foi descoberto no mês de setembro do ano de 1748, no qual se acharam bastantes tartarugas, e muita variedade de peixe, e infinitos jacarés; e tantos, que ainda até agora se não acabaram, matando-se tantos todos os anos, de que se faz azeite das banhas deles. É muito abundante de marrecas, patos e várias aves. Não é muito largo, no tempo do verão, mas é bastantemente comprido. Terá de largura, em algumas partes, 40 braças, e de comprido há de ter mais de três quartos de légua. Também está em campinas gerais, e tem bons campos e, por eles, tem suas ilhas, e a maior parte delas tem muitas árvores de espinho, a que chamam tucumás; dá uma fruta que se costuma comer, e é oleosa, e se faz azeite dela, o qual azeite é amarelo da cor da mesma fruta, e com ele costumam algumas pessoas temperar o comer, principalmente os pobres. Também têm as ditas ilhas muitas árvores de cajueiros, dos quais alguns deles dão bons cajus. Na maior parte destas ilhas tem assistido muito gentio da nação aroans, mereuanuns e sacacas. Em muitas das ditas ilhas se têm achado e se acha[m] ainda muitas panelas ingassabas (que é o mesmo que cântaros ou potes), tudo muito



bem feito; e a maior parte das que se têm achado é debaixo da terra. Também se têm achado dentro de algumas panelas grandes alguns ossos de gente e caveiras, donde se colige ser costume daqueles índios serem sepultados daquela forma.

Em muitas das ilhas que se têm descoberto se têm achado muitos pacovais, mas nunca nenhum maior que o que se descobriu em 26 de novembro de 1756, o qual tem o comprimento de 300 braças e 30 de largo; e vários pés de maniba e plantas de ananases. Da maniba se têm trazido alguns paus que se têm plantado, razão porque se tem conhecido que em 6 meses costuma estar a raiz desta planta capaz de se ralar e fazer farinha, o que não sucede àquela que os europeus costumam plantar nas suas roças; porque esta é necessário passar um ano para se poder desfazer em farinha.





# Notícia Histórica da Ilha Grande de Joanes ou Marajó<sup>8</sup>

[Primeiro Fragmento do Códice 21,2,2,16]

Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor:

**E** screver a História Filosófica e Política da Ilha Grande de Joanes, por outro nome Marajó; individuar os<sup>9</sup> produtos naturais que há e podem haver na dita ilha, apresentar de cada um deles uma descrição circunstanciada e tão circunstanciada como merecem as suas propriedades e<sup>10</sup> seus usos e as suas aplicações. Em todas elas<sup>11</sup> espreitar a natureza e rastejar quanto podem a razão e os sentidos corporais, mistérios infinitos. Tanta obra em tão pouco tempo é um projeto vasto para os talentos vastos; digno, pela sua vastidão, dos altos desígnios de V. Excia. Mas, por isso mesmo, infinitamente superior ao meu talento que, V. Excia. sabe quão limitado é e quão nulo o seu maior grau de alcance<sup>12</sup> a que ele chega.

Se o cumprir, porém, com o que devo consiste em fazer o que posso, direi a V. Excia. que, obedecendo às ordens do governador e capitão-general Martinho de Souza e Albuquerque, logo que cheguei a esta cidade, me dispus a partir dela para a vila de Monforte. Tinha-me S. Excia. advertido que devendo eu<sup>13</sup> acreditar a mais [minha] atividade com remeter logo na charrua guia os produtos naturais que coubessem na brevidade do tempo. E nenhuma outra parte os acharia tão prontos e tão variados como na referida ilha, para onde se oferecia a<sup>14</sup> acompanhar-me o [seu] inspetor geral, Florentino da Silveira Frade.

A estação, com efeito, era a mais própria para os meus exames. Estavam prevenidas as munições de viagem, a canoa que havia de transportar-me era a própria em que costuma transportar-se o ouvidor geral, quando sai em correição e visita das povoações deste Estado; e se alguma coisa faltava, era tão somente da minha parte algum restabelecimento mais dos incômodos da viagem do mar, tendo ela sido de 52 dias<sup>15</sup> contados desde o 1º de setembro, que saí do porto de Lisboa, até 23 de outubro, que aportei<sup>16</sup> neste do Pará.<sup>17</sup>

<sup>8</sup> Este e os próximos fragmentos são documentos que constituem anotações preliminares, seguramente para a redação do texto definitivo, que não se conhece, pelo menos em sua forma autógrafa. O códice 21,2,2,16 será referido doravante como A e o códice 21,2,2,17 será identificado como B.

<sup>9</sup> B: “refletir nos” por “individuar os”.

<sup>10</sup> B: “os” por “e”.

<sup>11</sup> B: “E em todos eles” por “Em todas elas”.

<sup>12</sup> Em A, o autor escreveu e riscou “maior auge”, substituindo a expressão por “maior grau de alcance” em anotação marginal. B substitui “que, V. Excia. [...] alcance “por” o qual, V. Excia. sabe quão curto é e quão limitada a esfera dos meus conhecimentos”.

<sup>13</sup> Aqui foi escrita e riscada a palavra “para”, mantendo-se em B.

<sup>14</sup> Aqui se riscou, depois de escrito, “ocasião de”.

<sup>15</sup> B: “de 52 dias de viagem de mar” por “de viagem de mar, tendo ela sido de 52 dias”.

<sup>16</sup> B: “entrei” por “aportei”.

<sup>17</sup> Em A está rasurada a última letra da palavra “nestae” e riscada a palavra “cidade” onde estava escrito “nesta Cidade do Pará”. Em B só aparece a frase corrigida.



Prevalecendo porém tanto em mim, como em ambos os desenhadores e no jardineiro botânico que me acompanham, o zelo de preferirmos o serviço de Sua Majestade à nossa comodidade particular; com [vento de servir e]<sup>18</sup> maré vazante, largamos deste porto<sup>19</sup> pelas 11 horas da noite de 7 de novembro. Teríamos navegado, água abaixo, pouco mais de meia légua, quando deixamos a povoação de Pé na Cova, na mesma margem oriental do rio Gojará. Seguiu-se a fazenda de Val-de-Cães, dos religiosos das Mercês que ali possuem um engenho de descascar arroz, olaria e forno de cal, roças de mandioca, arrozais, cafezal, cacaoal<sup>20</sup> etc. Passamos logo depois para defronte da fortaleza da Barra, pouco mais de uma légua abaixo do porto da cidade, e deixando da parte da mesma fortaleza a ilhota dos Periquitos, damos fé [defronte dela]<sup>21</sup> da olaria e das roças do capitão Antônio de Carvalho dentro de uma enseada em paragem [a que chamam da Tapaná]<sup>22</sup> e distará da fortaleza da Barra também coisa de meia légua. A outra distância semelhante deixamos a fazenda do Livramento, dos carmelitas calçados; e, nela,<sup>23</sup> uma boa olaria. Passado pouco mais de 1/4 de légua,<sup>24</sup> ficou na Ponta do Mel<sup>25</sup> a fazenda do Pinheiro, com boas casas e roças, também dos mesmos religiosos. Ultimamente, em pouca distância destas ficarão as outras casas e roças de Lázaro Fernandes Borges, na ilha de Caratatuba, [ficando entre a ponta [desta] ilha e a da outra ilha [do P]inheiro a xoceu do rio Maguari],<sup>26</sup> continuamos a nossa navegação, [passando pela baía de Santo Antônio]<sup>27</sup>, pelas 4 horas da madrugada, aportamos na ponta austral da ilha do Mosqueiro.<sup>28</sup>

Ali nos demoramos à espera da baixa-mar, tratando nós, entretanto, de cumprir cada um com o seu dever: eu, de observar e descrever os produtos mais óbvios; os desenhadores, de desenhá-los; e o jardineiro botânico, de recolhê-los. [Seguiu-se a Baía de Santo Antônio, pela qual navegamos até as 4 horas da madrugada; em que tendo vencido a distância de 2 léguas e 3/4 ao porto donde saímos, aportamos na ponta austral da ilha do Mosqueiro].<sup>29</sup>

A primeira coisa que fiz, ao amanhecer do dia 8, foi confrontar as observações topográficas e hidrográficas que eu tinha feito, na tarde em que cheguei a esta<sup>30</sup> cidade, com as que acabamos<sup>31</sup> de fazer do modo possível na noite precedente.<sup>32</sup> Tirei deste trabalho e dos outros, que repito, quando voltei da Ilha Grande,<sup>33</sup> os resultados seguintes: Quanto às ilhas adjacentes, desde o ancoradouro da cidade até o lugar onde [ ]rdam,<sup>34</sup> são na margem oriental do Gojará,<sup>35</sup> a ilhota dos Periquitos, a ilha de Caratatuba e a do Mosqueiro. Passa por defronte da cidade e continua a

<sup>18</sup> As palavras “vento de servir e” só ocorrem em B.

<sup>19</sup> B: “do porte desta cidade” por “deste porto”.

<sup>20</sup> B: “arrozais, roças de mandioca e outras lavouras de café, cacau” por “roças de mandioca, arrozais, cafezal, cacaoal”.

<sup>21</sup> Em A, a expressão “defronte dela” foi acréscimo marginal.

<sup>22</sup> Em A, a expressão “a que chamam de Tapaná” é acréscimo marginal.

<sup>23</sup> B: “pertencente aos religiosos do Carmelo, que nela conservam” por “dos carmelitas calçados, e nela”.

<sup>24</sup> A corrige, riscando a primeira palavra da expressão “outra meia légua” foi riscada, ao ser substituída por “pouco mais de 1/4 de légua”. B mantém “outra meia légua”.

<sup>25</sup> B: “na ponta da enseada a que chamam Ponta do Mel ficou” por “ficou na Ponta do Mel”.

<sup>26</sup> Em A, “ficando [...] Maguari” foi acrescentado à margem.

<sup>27</sup> O trecho “passando pela baía de Santo Antônio” foi acrescentado à margem em A, substituindo o seguinte, que foi riscado em parte: “por esta noite, em que depois de passada a baía de Santo Antônio”.

<sup>28</sup> Em A, acrescenta-se a seguinte anotação marginal, em letra diferente e pouco legível: “com 2 léguas e 3/4 de comprido daqui a [suas] onde inferiram 2 léguas e 1/4, que todas fazem 5 de [cal e 2 sot] até aonde atravessamos para Monforte”.

<sup>29</sup> Em A, “Seguiu-se [...] Mosqueiro” foi acréscimo marginal.

<sup>30</sup> B: “nesta” por “a esta,”

<sup>31</sup> B: “acabava” por “acabamos”.

<sup>32</sup> B: “antecedente” por “precedente”.

<sup>33</sup> B omite “e dos outros [...] Grande”.

<sup>34</sup> B: “ao porto da cidade e à saída dela, desde o seu ancoradouro até onde aportamos” por “desde o ancoradouro [...] onde [ ]rdam”.

<sup>35</sup> B: “austral” por “oriental do Gojará”.



estender-se, rio abaixo, a ilha das Onças, assim dita pelas muitas que teve e ainda tem, e, por detrás desta fica a ilha de Carnapijô. Segue-se a de Arapiranga, onde estão as roças de Manoel José Alves Bandeira. A ilha do Fortim, assim dita de um que ali se erigiu por ocasião da guerra de 62. Quase apegada a ela se segue a de Urubuoca, que um estreito canal divide da ilha das Mucuras, depois da<sup>36</sup> qual aparece a ilha nova que dizem ter aparecido depois do ano de 69. Assim se vão seguindo as outras ilhas, do Paquetá-guaçu, de uma parte, e da Iutuba, da outra, defronte da ilhota de Paquetá-merim, ficando entre Paquetá-guaçu e Iutuba, o canal de navegação, para a ilha da Cutijuba. É do capitão Félix Pereira da Cunha, que ali tem bons canaviais e roças de mandioca, com dois soberbos engenhos, um de moer cana e outro de descascar arroz. Entre a Cutijuba e a ponta do Mosqueiro fica uma ilhota quase redonda, chamada Tatuoca.<sup>37</sup>

### [SEGUNDO FRAGMENTO DO CÓDICE 21,2,2,16]

Entre as bocas dos rios Moju e Gojará, defronte delas, principia a ilha das On[ças], assim dita pelas muitas que teve e ainda tem. Passa por defronte da cidade distante dela quase uma légua e seguramente<sup>38</sup> duas de comprimento vai acabar defronte da fortaleza da Barra, estando a maior parte da ilha quase sempre debaixo d[e água], principalmente [ ] águas vivas; que por [ ] servem os seus [ ] as; e se [ ] que se não [ ] 80 Padre Raym; [ ] plantar alguma [roça de] milho, arroz etc. É toda ela cortada de muitos ribeiros e canais que três somente a atravessam de uma a outra parte(s), sendo o primeiro defronte da boca do Guamá; o segundo fronteiro à cidade e pouco abaixo o terceiro, chamado Piramanha. Fica por detrás desta a outra ilha do Carnapijô.

Segue-se, entre a ponta inferior da referida ilha das Onças e a outra ilha de Tarambioca, a ilha de Arapiranga, aonde estão situadas as roças de Manoel José Alves Bandeira. A ilha de Fortim, assim dita de um que ali se erigiu por ocasião da S. Guerra de 62. Quase apegada a ela se segue a de [Uru]buoca, que um [estreito ca]nal [ ] que [.....] dizem [ter aparecido] depois do [a]no de 69. Assim se vão seguindo etc. como na página<sup>39</sup>

O leito do rio, na mencionada distância, consta de areia e de tijuco, isto é, a<sup>40</sup> argila vitriolácea. As restingas e pedras que trave[ssam] são a de oeste, que se marca abaixo da meia distância entre a cidade e o sítio de Una.

Pouco acima dele principiam as pedras da terra de leste que ficam entre o dito sítio e a fortaleza da Barra. Segue-se a restinga do mar da ilhota dos Periquitos a sudoeste dela; assim como outra que fica entre a dita ilhota e a ponta [do] Pinheiro. Entre a [outra p]onta do Mosqueiro e a ilha [da Cutiju]ba, estão mui[tas ou]tras, que saem a[baixo da] ilhot[a] de Tatuoca.<sup>41</sup> O fund[o ou a prof]undidade<sup>42</sup> do Canal de navegação, mostra[m as] sondas que é <sup>43</sup> de 3 1/2 até 7 braças, a saber: 6 no ancoradouro da cidade, em preamar de águas vivas; aliás, 3 1/2 até 4 em baixa-mar. Entre a fortaleza da Barra e a ilhota dos Periquitos, 7; para baixo dela, 6 braças, até a ponta do Pinheiro. Dali continua por toda a baía de Santo Antônio com 6 até 9, que tantas há perto da<sup>44</sup> ponta do norte da dita ilha do Mosqueiro.

<sup>36</sup> O restante deste parágrafo, em A, foi escrito quatro folhas adiante, no quarto fragmento do texto.

<sup>37</sup> Somente as primeiras frases deste parágrafo puderam ser cotejadas com B, já que as demais estão muito destruídas.

<sup>38</sup> As palavras “não muito menos de” foram riscadas no original.

<sup>39</sup> Está visto que esta frase não faz parte do assunto, mas é uma explicação textual incompleta.

<sup>40</sup> B: “fluviátel misturada com o tijuco ou” por “e de tijuco, isto é, a”.

<sup>41</sup> B: “pedras que há, depois de passadas as pedras encobertas entre a povoação de Una e a fortaleza da Barra. A primeira é a que fica ao sudoeste da ilhota dos Periquitos e segue ao mar dela. A segunda é da ponta do Pinheiro, e entre a outra ponta do Mosqueiro e a ilha da Cutijuba estão algumas pedras que saem da ilhota de Tatuoca, sendo a maior extensão destas pedras de 1/2 légua para o norte dela” por “pedras que [...] Tatuoca”.

<sup>42</sup> B omite “ou a profundidade”.

<sup>43</sup> B acrescenta: “geralmente até a ponta superior de Mosqueiro a”.

<sup>44</sup> A expressão “que tantas há perto da” foi rasurada, mas repetida à margem de A; B substitui tal expressão por “e 10 braças, até a”.



Do referido porto da cidade, o melhor tempo de saírem os navios são os novilúnios e plenilúnios. A sua distância até a ponta austral do Mosqueiro, já disse que era de 2 léguas e 3/4. O rumo<sup>45</sup> é o do norte, se bem que se não anda por ele para se dar n[o .....]o as restingas [.....]sadas. A direção das correntes é como notam [.....] práticos, do anco[radoiro ....] Una ao nordeste [.....] e fortaleza da B[arra .....]. Desta até ilho[ta dos] Periquitos, ao nor-nor[..... d]os Periquitos até a po[nta] do Pinheiro, .....] desta até me[.....] baía de Santo Antônio, ao nor-nordeste, donde passa direito pela ponta austral da ilha do Mosqueiro até perto da boreal que muda para o noroeste.<sup>46</sup>

Constam as suas praias<sup>47</sup> de areia miúda e [ocra de fer]ro, de que se compõem as p[ ] da beirada que ambas são [constituída]s de diferentes cores e nunca do mesmo [saibaquom a] assim como as amostras que recolhi da argila [ ] de [ ] vermelha [ ] ferro al[ ] formigueiros em habitações de grandes e pequenas formigas e lhes servem de tantas outras casas [orzes] para nelas se aconselhar contra os inimigos que são a água e os insetívoros terrestres.

Estão as ditas pedras carcomidas das neritas, os lepas e outras conchas cenatíferas que aparecem sobrepostas, ou nas mesmas pedras ou em troncos e ramos das árvores caídas; umas que o tempo tem simplesmente lapidificado e outras que visivelmente mostram o ferro que as mineraliza, sendo para se notarem da parte do mar os cardumes de peixes que concorrem a aproveitar as ostras que se-lhe d[ei]tam.

Entretanto, os peixes que pescaram os índios e eu tive tempo de reconhecer foram alguns bagres, tainhas e pescados e os chamados acarás, piramotacás, baicus, piranhas ou peixe-tesoura, sendo os maiores dos que vi um filhote de piraubi e uma gurujuba.

Pelo interior da ilha, que é toda abafada em arvoredos, o mesmo digo do continente e das outras ilhas que se não alagam de todo, anda o viajante sem ver a terra onde pisa, porque toda está altamente alastrada de folhas que caem das árvores e de estrume em que se resolvem os vegetais. Além de outras plantas e árvores comuas<sup>48</sup> a todas estas ilhas, como são aningas e tabuas, mangues, chiruíbas, mamoeiranas, [ ]brava, ambaúba, bai[ ]ra branca, anani e [ ]mbrigre, pau siriga, [ ], sumaúma e outras, e [ ]sistemáticos, já em gran[de pa]rte constam da da flora gua[ ] e a seu tempo constarão da [ ] Pará, quando me for [possível classi]ficar [est]as observações [ ] as suas [ ] e em quase todas as árvores do país é imortal.

E[n]tre ]sos seus ramos, os papagaios, os periquitos e alguns sagüins, arremedando e contrafazendo-os quando vêm e ouvem ao espectador que os observa. Não falo nos alagadiços: além dos jacarés, algumas lontras, capivaras e diversos ratos aquáticos, assim como nos tesos mais enxutos, as mucuras, tatus, cutias, pacas e diferentes qualidades de ratos terrestres; o guaxina pela beira da água e a preguiça nos ramos das ambaúbas. Muitas pombas ou anambus, ou inambus, saracuras, guariramas, anuns, surucuazes, pica-paus, maçaricos, tangarás, urubus, maguaris, socós, guarás e outras aves. Diversas qualidades de cágados, de sapos e de lagartos, com muitas cobras venenosas: jararaca-tinga, jararaca, japuna-bóia, jararaca do rabo seco e dita do rabo amarelo, surucucu-tinga e surucucu-peba, parauamu-bóia (cobra grande e pintada como a jararaca, porém sobre um fundo todo verde), cobra de coral, dita de cascavel, acuti-bóia, sacai-bóia [e, enfim, uma pequena se das dos animais].<sup>49</sup> [ ]do Equador compõem [ ] da natureza e também a [ ] constarão da fauna [ ]are. Tudo tão vasto, tão c[ ]a, tão interessante de observ[ar] que com algum desgosto larg[amos aquele] porto da ilha pelas 11 horas da manhã para me aprov[ ] a maré. Assim a tangente [nor]te a sul ponta inferior [ ]umos a vela [ ] vila de Mon[forte] e já] atravessado uma légua de baías, quando nos saltou o vento à proa, embravecendo-se a rajada de sorte que

<sup>45</sup> Em A, foi escrita e riscada a palavra “até”.

<sup>46</sup> B omite todo este parágrafo.

<sup>47</sup> A termina aqui, com a redação: “Constam as praias desta ilha...”

<sup>48</sup> Feminino plural de “comum”. Hoje a palavra não flexiona em gênero.

<sup>49</sup> Acréscimo marginal: “e enfim uma pequena se das dos animais.”



cada rajada sua que nos [sa ] sossobrava nos obrigou a arribar para a mesma ilha do Mosqueiro, onde foi preciso desembarcarmos pelas 3 horas da tarde. Tal foi o motivo pelo qual arribamos para a mesma ilha onde aportamos no sítio do capitão José Joaquim Henriques de Lima. Ali nos entretivemos com as nossas observações até anoitecer, recolhendo-nos então a nossa canoa em que dormitamos enquanto não repontasse a vazante para largarmos o que e como fizemos aos 3/4 para 1 hora da noite.

Eram por este tempo as cabeças de água, como aqui dizem os práticos. E ventava um terral fresco que bem nos enganou com a esperança de uma travessia feliz. Porém, cedo nos desenganamos, porque sendo as canoas e embarcações sem quilha [???] e tendo a nossa, além deste o outro defeito de construção de ter a proa tão baixa que [ ]aneram do mar a sosso[brar ] no [ ] io vento fazendo tão rijo [ ]trovoada seca, que mal o po[diam] sofrer as velas. Três vezes a[ ]co de todo; a canoa no meio [ ] correntezas, mas o mesmo [ ] as embravecia, foi o que [ ]vou [ ]

Tais são, pela sua ordem, atravessando do Mosqueiro para Monforte: primeira, a correnteza do rio da cidade; segunda, da ilha de Carnapijó; terceira, de Tatamotua; quarta, do rio dos Tocantins; quinta, do Arari, que já é rio da Ilha Grande, a cuja correnteza se ajunta a do outro rio da mesma ilha, chamado Marajó-guaçu; sexta, da Tiririca, no meio da travessia; sétima, da Coroa Grande, que nasce da ilha fronteira ao rio Jaburuacá, superior à vila de Monsarás; oitava, do Camará, rio que também fica acima de Monsarás; nona e última, do Saravajá, que principia em uma ponta de terra, 1/4 de légua acima da vila de Monforte.<sup>50</sup>

Do que sei por experiência própria e pelo que ouço dizer por tradição seguida de pais a filhos há tempo imemorial, confesso que é realmente perigosa a travessia do Pará para a Ilha Grande. Na *Introdução Histórica da Viagem do Pará para Caiena* de Mr. de la Condamine, tinha eu lido o trabalho que há hoje 39 anos e quase 10 meses lhe custou a dobrar a ponta do Maguari, isto é, o ângulo oriental daquela ilha, em 11 de janeiro de 1744. Eu considerava o trabalho que ele experimentou como tão somente procedido da dificuldade natural dos baixos, os quais (diz ele) que não são menos perigosos que os da outra ponta austral da Tigioca. Mas não é esta a única razão deste perigo. Ainda mais o que acrescentam as precipitações das viagens, sem se consultar nem a monção das travessias, nem a segurança das canoas, nem a experiência dos práticos. Porque, com efeito, devemos distinguir dois tempos diferentes: um é atravessar para aquela ilha e outro de estar nela com comodidade.

Pará.



<sup>50</sup> Parece que foi cortada a metade inferior da folha.



## POVOAÇÕES<sup>51</sup>

[TERCEIRO FRAGMENTO DO CÓDICE 21,2,2,16]<sup>52</sup>

Ao Ilmo. Sr. I. F. F. participa seu fiel cativo Alexandre Rodrigues Ferreira ter recebido ontem com um recado de S. Excia. o Ilmo. e Exmo. Sr. Visconde de Anadia, uma relação de drogas em 4 caixões remetidos da capitania do Piauí para ele, no caso de as ter recebido, as distribuir algumas porções pelos médicos de seu conhecimento etc.

Ao que responde: 1º) que tais drogas ainda não recebeu; 2º) que os médicos do seu conhecimento, talvez, por simples conhecimento seu, não queiram encarregar-se das experiências que lhes propuser; 3º) que de melhor vontade se encarregarão eles de as fazer, ordenando S. Excia., por aviso seu, aos físicos-mores do reino, do exército, da marinha e aos médicos do Hospital Real de São José de receberem as porções das drogas que lhes remeter o diretor do Real Museu, Domingos Vandelli, para experimentarem as virtudes das referidas drogas etc.

Quanto à mostra de tabaco da Virgínia, vindo das ilhas e de Cabo Verde, que V. Excia. o encarregou de mandar experimentar, responde que ela está tão podre que não val o trabalho da experiência; que ainda que o valesse, não há nem nunca houve neste museu um só instrumento dos muitos que sobram na fábrica do tabaco para se fazerem experiências deste gênero.



[FRAGMENTOS DE B NÃO COINCIDENTES COM OS DE A]

um viajante estas na ilha a seu cômodo e para comodamente a poder examinar, assim pelas suas margens como pelos seus sertões, é sem dúvida que o verão é muito melhor do que o inverno. Estão enxutos os lagos, quero dizer, a maior parte da ilha; e os rios que não se engrossam com as chuvas correm mais cadacidos.<sup>53</sup> O céu, pela sua parte, não se vê cotidianamente rebuçado de nuvens preches de água que atacam a terra. A força, porém, dos ventos, com que eles embravecem o rio e as suas correntezas constantemente se experimenta por este tempo. O céu quase sempre se acha encinzeirado, as terras defumadas e a navegação em todo o sentido incômoda, precária e arriscada. Todo ao contrário do que se passa de inverno; e não são ordinárias as caladas e só a nossos se impredia [ ] flexos se [...] argüem mui por averfora.<sup>54</sup>

Seja porém qual for o tempo de as fazer, o certo é que cotidianamente devem nave[gar] para o açougue da cidade. Eis aqui as mestras da navegação que têm tido a carreira do Marajó. [ ] arrundo a sua costa [ ] os perigos descoberto, os baixos, a [...] Os seus práticos têm sem[pre] melhor tempo de navegar e de atravessar [ ] costa do Pará é desde o princípio de fevereiro até aos fins de junho, que os ventos reinantes são nor[-nordestes], les-nordestes, lestes; cuidam [ ] todo em se deixar governar d[ ] dência náutica e me seja pa[ra o] Arari ou para o igarapé P[ucá] eles cotidianas [ ] sendo

<sup>51</sup> Além do título, nada mais se poderá aproveitar deste subcapítulo, que está totalmente danificado.

<sup>52</sup> Este fragmento não foi aproveitado na redação da Notícia Histórica da Ilha Grande de Joanes ou Marajó.

<sup>53</sup> Ou não há registro da palavra em nosso léxico atual ou não se conseguiu uma boa leitura do manuscrito.

<sup>54</sup> Não foi encontrado registro dessa palavra. Pode ser uma leitura incorreta.



Está esta vila situada na costa oriental da ilha Grande, a 8 léguas de travessia da ponta inferior da ilha de Mosqueiro e 13 de andamento contado do porto da cidade, em 52'55" de latitude austral e 329°13' de longitude. Pode-se considerar como a capital das povoações desta ilha. Consta ao dia de hoje de 700 almas, incluídos os índios de serviço, gente que, pela situação em que está e pela necessária experiência que tem da navegação, é a mais própria para o serviço do mar. O desenhador parou o seu prospecto na forma que representa a tab. n.º 1. Não me demoro com a sua história particular, porque vai compreendida na história geral da ilha, a qual é como se segue.

Se do centro se observar a sua latitude austral, parece-me pela minha estimativa sobre a carta do Estado que a do centro será de 56° e 33' sobre 328° e 2' e 18" de longitude com a única diferença: está lançada ao rumo geral leste-oeste, pode cons[tituir] como um retângulo. linha reta quase norte-sul, 33 léguas e de andamento 53, desde a foz do Tagipuru até a do rio Cajuná, sendo aquela dist[ânci]a de 33 léguas a maior largura da 2ª ilha porque tomada no centro por uma reta norte-sul desde a foz do rio Arapixi, na costa setentrional até a margem oposta, entre os rios Tataúba e Ubatuba poderá ter 29 léguas.

Dizem os portugueses e não contradizem os franceses: *São humildes choças cobertas de folhas de palmeiras, assim como em Portugal o são de cólmio.*

Entrando a grande boca do rio das Amazonas, que, desde o cabo do Norte até a ponta da Tigioca tem 75 léguas de largura; entre as muitas ilhas que se vê corvessor (*sic*) para dentro delas divididos duas das outras.

